

Beatriz Gallotti Mamigonian  
Thiago Juliano Sayão

ORGANIZAÇÃO

# Revisitar Laguna

Histórias  
de conexões  
atlânticas

© 2021 (e-book) Editora da UFSC [Nota do Editor = mesmo conteúdo]  
© 2021 (impresso)

Coordenação editorial:

*Flavia Vicenzi*

Capa:

*Allisson J. Fernandes de Andrade*

Imagem de capa:

Sociedade Recreativa da União Operária  
de Laguna, fotografia de *Beatriz Mamigonian*

Editoração:

*Allisson J. Fernandes de Andrade*

*Cristiano Tarouco*

Revisão:

*Heloisa Hübbe de Miranda*

*Maurício Oliveira*

Mapas:

*Guilherme Régis*

---

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina

R454 Revisitar Laguna [recurso eletrônico] : histórias de conexões atlânticas / organização [de] Beatriz G. Mamigonian, Thiago J. Sayão. – Florianópolis : Editora da UFSC, 2021.  
311 p. : il., tabs, mapas.

E-book (PDF)

ISBN 978-65-5805-021-6

1. Laguna (SC) – História. 2. Santa Catarina – História. 3. Brasil – História.  
I. Mamigonian, Beatriz G. II. Sayão, Thiago J. III. Título.

CDU: 981.640.803

---

Ficha catalográfica elaborada por Dirce Maris Nunes da Silva – CRB-14/333

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, arquivada ou transmitida por qualquer meio ou forma sem prévia permissão por escrito da Editora da UFSC.

Impresso no Brasil.

# SUMÁRIO

## INTRODUÇÃO

- Revisitar Laguna e ampliar o repertório de passados ..... 11  
Beatriz Gallotti Mamigonian e Thiago Juliano Sayão

## CAPÍTULO 1

- História e cartografia dos Patos: conexões globais  
e dinâmicas continentais – século XVI ..... 19  
Tiago Kramer de Oliveira

## CAPÍTULO 2

- O afamado Tubarão e seus irmãos: tráfico de  
escravos indígenas no litoral sul do Brasil ..... 57  
Eduardo Neumann

## CAPÍTULO 3

- Elites locais em uma vila meridional: o capitão-mor  
João Rodrigues Prates e seus descendentes – Laguna,  
século XVIII ..... 71  
Fábio Kühn

## CAPÍTULO 4

- O comércio de escravos em Laguna nas primeiras  
décadas do século XIX ..... 97  
André Fernandes Passos

CAPÍTULO 5	
República Juliana em movimento: Laguna entre o Império e a República Farroupilha .....	117
Gustavo Marangoni Costa	
CAPÍTULO 6	
Entre engenho e canoa: cultura material e sociedade escravista em Laguna, 1800-1820 .....	143
Thiago Juliano Sayão	
CAPÍTULO 7	
O comércio de escravos e os trabalhadores cativos em Laguna na segunda metade do século XIX .....	177
Rafael da Cunha Scheffer	
CAPÍTULO 8	
Os netos de Joana, a miragem da autonomia e a reprodução da dependência no Atlântico oitocentista.....	197
Beatriz Gallotti Mamigonian	
CAPÍTULO 9	
Do cais ao convés: marítimos e a navegação de cabotagem no porto de Laguna .....	223
Diego Schibelinski	
CAPÍTULO 10	
Registros e memórias das sociedades recreativas de afrodescendentes em Laguna .....	261
Júlio César da Rosa	
ÍNDICE REMISSIVO.....	295
SOBRE OS AUTORES .....	309

# INTRODUÇÃO

## Revisitar Laguna e ampliar o repertório de passados

Beatriz Gallotti Mamigonian e Thiago Juliano Sayão

Laguna é conhecida como a terra de Anita Garibaldi, a “heroína dos dois mundos”. Representada em monumentos, lembrada em museus e homenageada na inauguração da moderna ponte da BR-101, em 2015, Anita é onipresente na região sul de Santa Catarina. As origens dessa escolha quase se perdem na memória, mas a mulher que se casou com Giuseppe Garibaldi dá corpo e vida à história da República Juliana, da Revolução Farroupilha e ainda das batalhas pela unificação da Itália – lutas políticas do século XIX que foram valorizadas na constituição de uma história nacional, republicana, no início do século XX.

A celebração de Anita e da República Juliana dá consistência ao discurso de cidade histórica para Laguna.<sup>1</sup> Como se sabe efetivamente muito pouco da vida da mulher, e pouco se pesquisou sobre o contexto em que viveu, há margem para muita fabulação, projeções de ideais e interpretações anacrônicas. Anita foi apropriada para diversos argumentos, em outras palavras. Não nos cabe condenar. O que nos interessa ressaltar é que a atenção exclusiva sobre Anita e a história da República Juliana resultou no silenciamento de outras histórias da cidade e na dificuldade de entender o lugar de Laguna na História do Brasil e do Atlântico de forma mais ampla.

---

<sup>1</sup> Bitencourt (2017).

Este livro começou como uma investigação sobre a Igreja do Rosário de Laguna. Sua ausência do cenário da cidade e seu quase desaparecimento da memória dos moradores da região são inquietantes para quem conhece a importância da presença africana no litoral de Santa Catarina.<sup>2</sup> As irmandades do Rosário e de São Benedito foram, tradicionalmente, lugares de congregação de africanos e seus descendentes, visto que as irmandades de “homens bons” (leia-se “brancos”) vetavam a participação de africanos com base no critério da “pureza de sangue”, princípio que embasou a discriminação contra judeus, muçulmanos, africanos e indígenas até o século XVIII.<sup>3</sup>

As irmandades de negros existiam em todos os territórios do império português, e eram especialmente numerosas na América. Algumas localidades, como Ouro Preto, Salvador ou Rio de Janeiro, tinham tantos africanos que as irmandades negras refletiam a configuração étnico-social da região: havia irmandades de “minas”, de “moçambiques”, de “pardos”. Em Desterro (atual Florianópolis), a irmandade do Rosário e São Benedito foi fundada em 1750, num contexto de intensificação da chegada de africanos escravizados associada ao estabelecimento do monopólio da caça à baleia, à construção de fortificações em torno da Ilha de Santa Catarina e à fixação dos casais de açorianos como colonos. Em meados do século XIX, havia dissidências no Rosário de Desterro: os “crioulos” (isto é, os nascidos no Brasil) fundaram a irmandade de Nossa Senhora do Parto e os “pardos livres” (pessoas de origem africana, mas nascidas livres) fundaram a irmandade de Nossa Senhora da Conceição.<sup>4</sup> Em Laguna, até onde se sabe, teria havido duas irmandades de negros: a do Rosário e a do Parto, abrigadas na mesma igreja. As obras da sede teriam iniciado em 1845, em terreno adquirido no final da década de 1820. A igreja foi, até 1885, o local de início das procissões do Senhor Bom Jesus dos Passos até a Igreja Matriz de Santo Antônio. Ela ficava no morro do Rosário e era visível do porto. No início do século XX, no entanto, foi demolida.<sup>5</sup>

A apropriação dos espaços das irmandades de negros foi recorrente Brasil afora. Em São Paulo, a Igreja da Irmandade do Rosário e São Benedito, lugar de congregação da comunidade, foi demolida durante a reforma urbana de 1903 e transferida para outro espaço afastado, uma construção com feições

---

<sup>2</sup> Sayão (2013).

<sup>3</sup> Cf. Carneiro (2005), Viana (2007) e Monteiro (2011).

<sup>4</sup> Cf. Mamigonian (2006) e Malavota (2011).

<sup>5</sup> Sayão (2013, 2015b).

eccléticas. Em Uberaba, Minas Gerais, a Igreja do Rosário foi demolida em 1924. Em Porto Alegre, a Igreja do Rosário foi desapropriada e, mesmo depois de tombada, em 1938, teve o registro revogado, sendo demolida sob as ordens da Arquidiocese. Também em Santa Maria, Rio Grande do Sul, a Igreja do Rosário foi demolida em 1942. Em Cuiabá, no Mato Grosso, uma reforma de 1928 deu fachada neogótica à igreja setecentista. Na cidade de Goiás, no estado de mesmo nome, a Irmandade perdeu a Igreja do Rosário, para missionários dominicanos que construíram outro templo em pedra no lugar, também em estilo neogótico. Campinas, em São Paulo, demoliu sumariamente a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito para o alargamento das ruas, em 1956.<sup>6</sup>

O abandono da Igreja do Rosário de Laguna fazia parte da tendência das autoridades civis e eclesiásticas e de boa parte da população, movida pelo crescente racismo de desqualificar as celebrações populares e esvaziar as formas de associação da população de origem africana, quando não perseguir abertamente as suas práticas religiosas. Tais processos resultavam, sistematicamente, na apropriação dos seus espaços de convivência. Poderíamos reler a história urbana brasileira por essa lente. O discurso de modernidade e civilização serviu a incontáveis intervenções urbanas em outros territórios negros no Atlântico, é importante lembrar.

Mesmo que a demolição da Igreja do Rosário de Laguna não tenha sido um acontecimento excepcional, precisava ser conhecido. Da história da irmandade só sobraram alguns fragmentos, visto que sua documentação não chegou a ser recolhida em instituição arquivística. Nail Ulysséa, memorialista lagunense, relata que as festas de Nossa Senhora do Rosário eram marcadas pela presença de rei e rainha negros em uma cerimônia religiosa oficiada pelo pároco e que depois extrapolava o espaço da igreja e ganhava as ruas com batuques e danças. A primeira teria ocorrido em 1836.<sup>7</sup>

Celebrações como essas, que remetiam às práticas culturais africanas, foram combatidas pela Igreja Católica durante o século XIX, resultando numa dissociação entre os ritos católicos aceitos e aqueles considerados profanos, que não encontravam mais abrigo nas paróquias. Em Tijucas, outra localidade litorânea de Santa Catarina, a celebração do Cacumbi, antes recorrente no

---

<sup>6</sup> Cf. Frugoli (2000), Reis (2004), Silva (2006), Tanccini (2008), Oliveira e Dantas (2012), Tamasso (2012), Grigio (2016), Ghirello e Victal (2018).

<sup>7</sup> Sayão (2015b).

período das festas natalinas, deixou de acontecer. No Natal de 1944, o padre recusou-se terminantemente a rezar a missa em protesto contra os “bailes e divertimentos ruidosos” promovidos pelos moradores.<sup>8</sup> São inúmeros os exemplos de embates semelhantes entre as autoridades eclesiásticas e as comunidades negras, que dão a dimensão do ataque às práticas religiosas populares em geral e às culturas de matriz africana em especial, entre o fim do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Em 1921, de acordo com uma nota do jornal *O Albor*, a Igreja do Rosário de Laguna encontrava-se em estado de abandono, merecendo restauração. A data em que ela foi definitivamente demolida é motivo de pequena controvérsia; as circunstâncias de tal medida não ficaram bem documentadas.<sup>9</sup>

Se pensarmos que as histórias sobre Anita Garibaldi e a República Juliana floresceram ao mesmo tempo em que decaía e era sepultada no silêncio a irmandade do Rosário, temos a dimensão do movimento de “seleção” que a memória e a História produziram para Laguna.<sup>10</sup>

*Revisitar Laguna* traz a perspectiva de quem andou por outras partes, conheceu outras histórias e volta com novas lentes.

A perspectiva da história atlântica situa as histórias, desde o século XV, em um contexto maior, que enfatiza o trânsito de pessoas, mercadorias, conhecimentos, espécies, ideias e projetos entre os territórios integrados pelo Oceano Atlântico. O entendimento do colonialismo e dos mecanismos de reprodução das desigualdades é um dos princípios norteadores do estudo de tais circulações. A compreensão do funcionamento das hierarquias, tanto econômicas e sociais quanto políticas, é indispensável para o entendimento da acumulação das fortunas em processos locais, nacionais e transnacionais. Se décadas atrás esses processos eram vistos do alto, e pareciam impessoais, agora os historiadores têm reconhecido o protagonismo dos sujeitos históricos, que tomam decisões e fazem escolhas dentro das opções dadas. As pesquisas recentes permitem reler diferentes processos históricos e notadamente tirar do isolamento e da ilusão de excepcionalidade muitas histórias antes vistas como locais.

A história dos grupos indígenas que viviam na região que hoje corresponde ao sul de Santa Catarina e do contato desses grupos com europeus são

---

<sup>8</sup> Silva (2015, p. 165).

<sup>9</sup> Sayão (2015b).

<sup>10</sup> Trouillot (2016).



os temas dos dois primeiros textos da coletânea. A partir de uma exploração minuciosa da cartografia europeia seiscentista relativa à “Terra dos Patos”, cotejada com relatos de navegantes, exploradores e missionários, Tiago Kramer de Oliveira demonstrou um procedimento de “espacialização”, pelo qual os grupos dos carijós (guaranis) e as relações de troca e alianças que estabeleceram com europeus que aqui aportaram foram sendo registrados nos mapas e relatos, conformando o conhecimento sobre a região antes da fixação de colonos portugueses. Em “O afamado Tubarão e seus irmãos”, por sua vez, Eduardo Neumann aborda as transformações nas sociedades guaranis desencadeadas pela colonização ibérica e enfoca os mecanismos de escravização de indígenas existentes na região entre meados do século XVI e início do XVII. Respondendo à demanda dos paulistas por indígenas escravizados, algumas lideranças indígenas atuaram como intermediários – caso de Tubarão, feiticeiro com muita ascendência sobre os guaranis, que se notabilizou como “grande ladrão de índios para os brancos”. Neumann indica que o raio de ação dos escravizadores atingia os grupos de língua Jê, dos Campos de Cima da Serra, que, como os guaranis do litoral, também foram vendidos e conduzidos à força pelos bandeirantes.

A estrutura do Império português, traduzida na constituição de uma hierarquia social articulada a uma burocracia que conectava todas as suas partes, é visível no capítulo “Elites locais em uma vila meridional”, no qual Fábio Kühn revisita os princípios da ocupação portuguesa da região tendo como fio condutor a trajetória do capitão-mor João Rodrigues Prates, português contemporâneo de Francisco de Brito Peixoto, filho do fundador de Laguna, Domingos de Brito Peixoto. Como demonstra Kühn, Prates casou-se com a filha de uma figura importante da elite lagunense, desempenhou cargos na administração local e teve empreendimentos rurais tanto ali quanto em Viamão, para onde, eventualmente, a família se mudou. A análise de seu inventário, datado de 1766, revela pertences, evidencia relações e descortina uma unidade escravista significativa em Garopaba do Sul, com 47 pessoas escravizadas – algumas delas possivelmente de origem indígena, mas a maior parte de origem africana –, integrando famílias.

Os capítulos sobre o século XIX, de maior número na coletânea, demonstram com clareza as conexões atlânticas de Laguna. Os textos de André Passos e Rafael Scheffer abordam dois polos da história do comércio de escravos em Laguna. O primeiro é o abastecimento de africanos “novos” no início do século XIX, fase de crescimento da economia catarinense, com a

proliferação de engenhos de farinha e o emprego de mão de obra escravizada pelos proprietários mais abastados. Passos se serve de documentação produzida pelo controle do comércio saindo do Rio de Janeiro para quantificar os africanos desembarcados em Laguna e identificar os principais comerciantes responsáveis pelo negócio na vila. Já Scheffer trata da venda de escravos para o circuito interprovincial na segunda metade do século, quando a demanda das fazendas cafeeiras fez dessa migração involuntária, que separava famílias, um negócio muito lucrativo.

Em “Do cais ao convés”, Diego Schibelinski explora um elemento incontornável da história da cidade: a navegação de cabotagem e seus trabalhadores. A partir do caso de Antônio Carvalho, um negro livre, natural do Rio de Janeiro, residente no bairro do Magalhães e casado com uma paraguaia, que era cozinheiro e trabalhava nas rotas que ligavam Laguna a outras cidades litorâneas, Schibelinski ilumina a atividade que garantia toda a circulação de pessoas e mercadorias até a abertura das estradas e ferrovias, já no século XX.

Em “República Juliana em movimento”, Gustavo Marangoni Costa investiga o cotidiano da vila antes e durante a tomada pelos farroupilhas. A participação da população nas estratégias políticas dos rebeldes, a preocupação das autoridades locais alinhadas ao Império e o impacto dos embates militares no dia a dia de Laguna devolvem protagonismo às pessoas e imprevisibilidade ao conflito. Já “Entre engenho e canoa”, Thiago Sayão aborda o cotidiano por outro ângulo, o dos objetos. A partir de inventários *post mortem* das três primeiras décadas do século XIX, Sayão entra nas casas e engenhos dos lagunenses abastados ou remediados para observar seus pertences: móveis, utensílios, animais, ferramentas e, ainda, pessoas escravizadas. A existência de muitos engenhos de farinha e canoas reflete a economia voltada à produção de alimentos, sobre a qual se sustentava a riqueza da região.

O capítulo de Beatriz Mamigonian observa o funcionamento das relações entre senhores e escravos a partir de uma unidade familiar e produtiva em Pescaria Brava. A história da família de Joana, que ganhou casa e terras e metade da liberdade com o falecimento do primeiro senhor, esperou décadas pela liberdade plena e acabou recorrendo ao Judiciário para evitar a reescravização, é uma amostra da ambiguidade e das armadilhas do abolicionismo no século XIX, Atlântico afora.

A coletânea se fecha com o capítulo de Júlio César da Rosa sobre as duas associações negras de Laguna no início do século XX, a Sociedade União Operária e o Clube Literário Cruz e Sousa, tidos na memória como espaços de congregação das famílias negras, porém com distinções conforme a renda e a cor da pele. Rosa traz para Laguna o debate corrente sobre o pós-abolição no mundo atlântico e as estratégias das comunidades negras para garantir respeitabilidade e cidadania em um contexto marcadamente racista.

*Revisitar Laguna* provoca a memória histórica fixada na República Juliana e busca incorporar outros temas à história da região, sugerindo o potencial de vê-la como um espaço de trânsitos culturais, trocas econômicas e embates políticos que acompanham as histórias do Atlântico desde o século XV até o século XX. Nossa aposta é a de que, ao ampliar o repertório de passados, possamos imaginar novos futuros.

## Referências

- BITTENCOURT, João Batista. *Laguna: uma análise sobre o discurso de cidade histórica*. Florianópolis: Dois por quatro; Criciúma: Ed. da UNESCO, 2017.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Preconceito racial em Portugal e no Brasil Colônia*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- FRUGOLI, Heitor. *Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole*. São Paulo: Cortez, Edusp, 2000.
- GHIRELLO, B. C.; VICTAL, J. Intervenções brancas na cidade multiétnica: Campinas (1888-1956). *RUA*, v. 24, n. 1, p. 165-182, 2018.
- GRIGIO, Ênio. “*No alvoroço da festa, não havia corrente de ferro que os prendesse, nem chibata que intimidasse*”: a comunidade negra e sua Irmandade do Rosário (Santa Maria, 1873-1942). Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2016.
- MALAVOTA, Claudia Mortari. *Os homens pretos do Desterro: um estudo sobre a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário (1841-1860)*. Itajaí: Casa Aberta, 2011.
- MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti Africanos em Santa Catarina: escravidão e identidade étnica (1750-1850). In: FRAGOSO, João; FLORENTINO, Manolo; SAMPAIO, A. Carlos Jucá de; CAMPOS, Adriana (ed.). *Nas rotas do império: eixos mercantis, tráfico e relações sociais no mundo português*. Vitória: Edufes/CNPQ/IICT, 2006. p. 609-644.
- MONTEIRO, Rodrigo Bentes *et al.* (org.). *Raízes do privilégio: mobilidade social no mundo ibérico do Antigo Regime*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

OLIVEIRA, Raniele D.; DANTAS, Sandra M. As faces da memória: a Igreja do Rosário de Uberaba, MG, entre a lembrança e o esquecimento (1841-1924). *Emblemas*, v. 9, n. 2, 2012.

REIS, Nestor Goulart. *São Paulo. Vila, cidade, metrópole*. São Paulo: Via das Artes, 2004.

SAYÃO, Thiago Juliano. As heranças do Rosário: associativismo operário e o silêncio da identidade étnico-racial no pós-abolição, Laguna (SC). *Revista Brasileira de História*, v. 35, n. 69, p. 131-154, 2015a.

SAYÃO, Thiago Juliano. Negras paisagens: (in)visibilidade afrodescendente na Laguna (SC), *Mouseion – Revista do Museu e Arquivo Histórico La Salle* (Canoas), n. 21, 2015b.

SAYÃO, Thiago Juliano. Negras paisagens: primeiras leituras sobre a demolição e o apagamento da igreja da Irmandade do Rosário de Laguna, SC. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., Natal, 22-26 jul. 2013. *Anais [...]* Disponível em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371340686\\_ARQUIVO\\_Negraspaisagens-XXVIIISimpósioNacionaldeHistoria.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371340686_ARQUIVO_Negraspaisagens-XXVIIISimpósioNacionaldeHistoria.pdf). Acesso em: ago. 2020.

SILVA, Jaime José dos Santos. *Memórias do Cacumbi: cultura afro-brasileira em Santa Catarina, séculos XIX e XX*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

SILVA, José de Moura e. *Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito: guia de visitação*. Cuiabá: Entrelinhas, 2006.

TAMASO, Izabela. Por uma distinção dos patrimônios em relação à história, à memória e à identidade. In: PAULA, Zueleide Casagrande de; MENDONÇA, Lúcia Glicério; ROMANELLO, Jorge Luís (org.). *Polifonia do patrimônio*. Londrina: Ed. da UEL, 2012. p. 21-41.

TANCCINI, Thaís. *Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Porto Alegre: entre a destruição e a preservação patrimonial*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silenciando o passado: poder e a produção da História*. Trad. Sebastião Nascimento. Curitiba: Huya, 2016.

VIANA, Larissa. *O idioma da mestiçagem: as irmandades de pardos na América portuguesa*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2007.